

IMAGENS, TEMPOS E CULTURAS: UMA EXPERIÊNCIA AUDIOVISUAL, FOTOGRÁFICA E EXPOGRÁFICA SOBRE CIDADES ANTIGAS

Silvio Luiz Cordeiro¹

Wagner Souza e Silva²

Resumo

A partir do interesse mútuo pela produção audiovisual e fotográfica em suas respectivas trajetórias no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, ambos autores apresentam a experiência de uma expedição arqueológica e audiovisual à Sicília, Itália, relacionada com paisagens urbanas de Siracusa, Naxos e Taormina; e mostram imagens que ilustram o processo criativo envolvido nos dois documentários e na exposição de fotografias que resultaram desta expedição, incluindo reflexões sobre a imagem que ultrapassa o registro documental, por sua potencialidade narrativa, a provocar o imaginário nas ciências humanas.

Palavras-chave: Imagem, Arqueologia, Cidade, Paisagem, Memória, Audiovisual

¹ Silvio Luiz Cordeiro é arquiteto, doutor em arqueologia pelo MAE USP e documentarista. Investigador do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Patrimônio (CEAACP) da Universidade de Coimbra e do Centro de Estudos Globais (CEG) da Universidade Aberta de Portugal. Co-idealizador e coordenador da série internacional Antropocênica. Criador da Mostra Audiovisual Internacional em Arqueologia (MAIA).

E-mail: slucord@gmail.com . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4487-0820> .

² Wagner Souza e Silva é fotógrafo e professor doutor do Departamento de Jornalismo e Editoração do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). E-mail: wasosi@usp.br . ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3839-2305> .

Arqueologia e imaginário

Refletir sobre a condição humana no presente em que estas linhas são redigidas, época de nova crise de uma civilização complexa, que submeteu a Terra aos desígnios do modo de vida urbano sob o capitalismo, envolve considerar a dimensão da memória de nossa presença no mundo, existência transformadora ao habitá-lo, construindo as paisagens que expressam as sociedades no tempo dos lugares.

Assim, entre as ciências humanas, a arqueologia abre-se como um campo essencial para compreendermos a nossa condição numa perspectiva mais ampla – e profunda – ao interpretar os diversos e múltiplos referenciais que nos dão uma medida das mutações, evidenciando-se as origens daquilo que hoje se vê e vivencia (Cordeiro 2011). Nesse proceder, e pelas várias vertentes contemporâneas que surgiram, a arqueologia se constituiu como ciência a compor narrativas a partir do que remanesce da atividade humana, e que se encontra, de modo geral, sob formas parciais, restos, ruínas, enfim, fragmentos vestigiais das sociedades que habitam as paisagens, transformando-as. Considerá-la nessa perspectiva, envolve duas dimensões que se entrecruzam: a dimensão da própria memória e a dimensão do imaginário, ambas relacionadas com a ideia expandida de história, por exemplo, ao relevar-se que a arqueologia *escreve* a história das gentes que não a escreveram, e propicia miradas mais abrangentes, que penetram o tempo, até alcançar outras espécies ancestrais, nossos antepassados.

Por isso, compreendemos o potencial da arqueologia em produzir, influir e suscitar imagens e imaginários como narrativas possíveis a partir daquilo tudo que envolve a principal *matéria-prima* do estudo arqueológico: os vestígios, as evidências que testemunham ações de culturas humanas, sejam de um passado remoto, sejam de temporalidades mais recentes. Na verdade, trata-se de um processo inerente ao próprio pensamento científico que é, sobretudo, *imaginativo*, fator essencial na interpretação dos contextos em análise. O conhecimento arqueológico, portanto, atua no entendimento do passado, mas também ilumina fatores do presente e mesmo projeta ideias sobre tendências e horizontes futuros da humanidade.

O relato ilustrado a seguir pode ser lido e visto enquanto certo modo de reafirmar a importância da produção de imagens – e imaginários – como um dos fundamentos da arqueologia: para além da imagem técnica, como no registro documental em levantamentos e projeções que analisam, imaginar narrativas no tempo presente de quem as elabora é um fator ativo, atuante e constituinte daquilo que se considera ser arqueológico.

Uma expedição audiovisual e fotográfica à Sicília

A partir de sua experiência anterior – e pioneira na arqueologia brasileira, ao conceber uma oficina de vídeo como ação educativa no contexto de um projeto arqueológico nas ruínas do Engenho São Jorge dos Erasmos³ – Cordeiro foi convidado em 2006 pela arqueóloga Elaine Farias Veloso Hirata, docente do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE USP), como integrante do Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga nesta instituição, para estruturar um núcleo de produção audiovisual, produzir e dirigir conteúdos audiovisuais sobre a arqueologia da paisagem urbana de antigas poleis, voltados ao público estudantil. Ainda no mesmo ano, planeja-se uma expedição audiovisual e fotográfica à Sicília para produzir gravações de sítios arqueológicos situados em Siracusa, Naxos e Taormina.

No ano seguinte, Wagner Souza e Silva integrou a equipe como fotógrafo principal da expedição, para documentar em registros visuais os sítios e o próprio processo de produção audiovisual. Este foi o início de uma parceria entre ambos autores, que se renova em 2013 no contexto de outro projeto, também pelo MAE USP, porém, desta vez, uma expedição audiovisual e fotográfica relacionada com a arqueologia amazônica, resultando na produção de vídeos e exposições⁴.

Esta experiência, vale ressaltar, foi outra iniciativa original na arqueologia, desta vez, no contexto da arqueologia clássica, em que um arqueólogo, arquiteto e documentarista estruturou um núcleo específico de produção audiovisual para um laboratório de arqueologia, formando também uma equipe de produção e apoio técnico nas gravações que resultaram em dois vídeos, além de uma exposição fotográfica, concebida pelo fotógrafo principal, como veremos adiante.

³ Esta experiência original em incorporar o vídeo na arqueologia é relatada na dissertação de mestrado *A paisagem histórica do Engenho São Jorge dos Erasmos: o vídeo como instrumento educativo na arqueologia do monumento quinhentista*, elaborada por Cordeiro no MAE USP, com orientação da arqueóloga Elaine Farias Veloso Hirata, grande incentivadora desta iniciativa. A dissertação encontra-se disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-09042008-152050/pt-br.php>.

⁴ *Antiga Amazônia Presente* é o documentário resultante do projeto audiovisual em arqueologia amazônica elaborado por Carla Gibertoni Carneiro e Cristina Demartini (ambas arqueólogas do MAE USP) com Silvio Luiz Cordeiro (diretor e co-editor), que convidam o fotógrafo Wagner Souza e Silva (docente da ECA USP) e o documentarista Luiz Bargmann (coordenador do Laboratório de Vídeo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP) para integrarem a equipe que viajou em 2013 por duas vezes ao Pará, revisitando-se diversos sítios arqueológicos na região do Baixo Amazonas. Durante estas viagens, foram gravados relatos de pessoas que interpretam o passado humano da Amazônia a partir da presença vestigial de antigas culturas. Todo o conteúdo produzido nesta iniciativa está disponível em: <https://amazoniantiga.tv.br/>. Mais informações sobre o projeto podem ser consultadas nas reportagens do Jornal da USP e da Revista Bravo!, disponíveis respectivamente em:

<https://www5.usp.br/noticias/cultura/documentario-do-mae-expoe-raizes-da-arte-e-da-cultura-amazonica/> e <https://youtu.be/tdkmrVShD5g>.

Siracusa

A primeira narrativa audiovisual resultante da expedição à Sicília foi o documentário *Siracusa Cidade Antiga*, envolvendo uma estratégia que se revelou bem sucedida, diante do desafio de uma produção audiovisual no exterior, com uma equipe de arqueologia: as pessoas que participaram da expedição, todas elas arqueólogas, passaram por uma formação técnica prévia em 2006, justamente para assistir o diretor nas situações de gravação previstas no ano seguinte já na Sicília. Todo o processo foi documentado em fotografia, tanto por Souza e Silva quanto por integrantes dessa equipe⁵. Não havia recursos suficientes para realizar uma viagem anterior, de pré-produção, para visitar os lugares (locações), encontrar pessoas etc. Isso tudo aconteceu durante a própria viagem de produção, sob orientação do diretor, que estudou, ainda no Brasil, as cidades de Siracusa, Naxos e Taormina, e os respectivos sítios de interesse.

Com a antecedência de um ano, Cordeiro desenvolveu o plano para treinar a equipe da expedição audiovisual e fotográfica à Sicília. Várias atividades foram elaboradas para instruir e orientar a equipe nas operações básicas e procedimentos técnicos com todo o equipamento de vídeo e áudio. Este treinamento foi crucial e iniciado ainda em 2006, no próprio MAE USP, com a gravação em vídeo de artefatos conservados no acervo de arqueologia clássica da instituição, especialmente selecionados: um elmo (fig. 1), pontas de lança, um cântaro; objetos que *atuam*, iluminados e movimentados para obter certa dramaticidade, visando-se a montagem futura das narrativas audiovisuais, após a expedição programada.

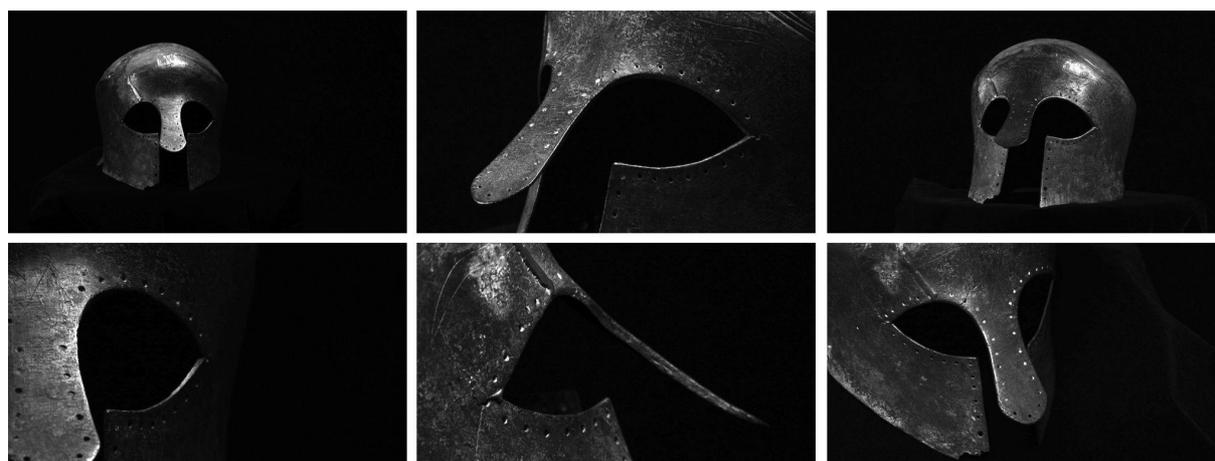


Fig. 1: Elmo de tipo coríntio (VI a.e.c.)⁶, encontrado na região de Marche, Itália, doado em 1964 ao MAE USP pelo Museo Nazionale Preistorico Etnografico 'Luigi Pigorini', em Roma. A iluminação cênica como arte, amplifica o drama do artefato relacionado com o fato da guerra. Imagens: Silvio Luiz Cordeiro.

⁵ Integraram a equipe as arqueólogas Patrícia Pontin, Lilian Laky, Daniela Puccini e o arqueólogo Paulo Marcondes.

⁶ Adota-se Antes da Era Comum (a.e.c.) e Era Comum (e.c.) como substitutos de a.C. e d.C., respectivamente.

Depois, foram realizadas cinco viagens à Ilha de São Vicente, com gravações⁷ nas cidades litorâneas de Santos e São Vicente, para treinar e “ambientar” a equipe na dinâmica de produção em campo, preparando-a para situações prováveis na Sicília, a partir desse exercício no uso do equipamento (câmera, microfone etc.) em paisagens urbanas. Em maio de 2007, viajamos.



Fig. 2: Ensaio do gestual sobre a tela durante a conversa gravada entre integrantes da equipe, após a viagem. Da esquerda para a direita: arqueóloga Cibele Aldrovandi (assistente de pós-produção), Lilian Laki, Silvio Cordeiro, Paulo Marcondes e Patrícia Pontin. Imagem: Wagner Souza e Silva.

De volta ao Brasil, inicia-se a etapa imersiva de pós-produção para a montagem da narrativa audiovisual. A edição procurou respeitar o tempo próprio dos relatos das pessoas que encontramos na viagem: o vídeo mostra as impressões de seis habitantes de Siracusa sobre a cidade em que vivem, relatos que transitam pelas temporalidades daquela paisagem urbana. A ênfase da narrativa em vídeo está nestes relatos, mas é permeada com diálogos da equipe, gravados no estúdio do Laboratório de Vídeo da FAU USP (fig. 2). Provocada pela memória visual dessa expedição à Sicília, a equipe relembra cenas da viagem em volta de um monitor de vídeo⁸ e reflete sobre temas da história e arqueologia da antiga cidade (fig. 2): no início da narrativa, surge uma *tela azul*; mãos aparecem, em gestos que sugerem o processo da própria edição audiovisual em tela eletrônica, dispositivo simbólico e mnemônico, que promove o fluxo

⁷ As gravações foram produzidas para o novo vídeo de Cordeiro sobre a história das ruínas do engenho de açúcar que pertenceu ao mercador Erasmus Schetz no século XVI e.c., que inclui conteúdo especialmente gravado na Bélgica em 2003, com apoio do historiador belga Eddy Stols, além de cenas da referida oficina de vídeo (nota 3 supra). O documentário *Entre Pedras, Textos e Imagens*, pode ser acessado em: <https://transver.tv.br/entre-pedras-textos-e-imagens/> e <https://vimeo.com/slucord/engenho-erasmus> .

⁸ Sobre o *set* da gravação no estúdio do Laboratório de Vídeo da FAU USP, veja a entrevista com o diretor, disponível em: <https://transver.tv.br/entrevista/> .

narrativo sobre a experiência vivenciada nessa viagem arqueológica da equipe que interagiu com as pessoas que habitam Siracusa.



Fig. 3: Cordeiro observa as ruínas do chamado Castelo Eurialo, antiga fortaleza situada no ponto culminante da *Epipolai* de Siracusa (o *plateau* fortificado na zona oeste do território), estrutura iniciada por Dionísio I no final do século V a.e.c., integrada ao circuito de muralhas a envolver toda a polis. Imagem: Wagner Souza e Silva.

Dos relatos gravados em Siracusa, ouvimos a memória sobre a pesca e o movimento nos portos; as lembranças da II Guerra e das migrações; a ideia sobre as origens de Siracusa relacionada com a importância da água potável disponível na antiga fonte em Ortigia; o poderio da cidade, simbolizado em grandes estruturas defensivas, como aquelas vistas nos restos da extensa muralha que outrora contornava a polis e o chamado Castelo Eurialo (Fig. 3), situado *entroterra*, a remanescer no tempo em ruínas monumentais. O vídeo apresenta referências históricas de outras narrativas, por exemplo, o relato de Tucídides sobre a fundação de Siracusa (Συράκουσαι) no século VIII a.e.c. por Árquias, um heráclida de Corinto: após consultar o Oráculo em Delfos, este *oikistes* (οἰκιστής) navegou conduzindo aqueles que, sob a sua liderança, migraram até chegarem ao litoral sudeste da Sicília e fundou Siracusa, após *expulsar os Sículos* (Σικελὸς ἐξελάσας πρῶτον)⁹ que antes habitavam Ortigia, núcleo insular entre dois portos naturais, território estratégico situado no cruzamento de vias marítimas milenares, navegadas por diversas gentes na história (fig. 4).

⁹ Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*, disponível em: https://www.loebclassics.com/view/thucydides-history_peloponnesian_war/1919/pb_LCL110.187.xml.

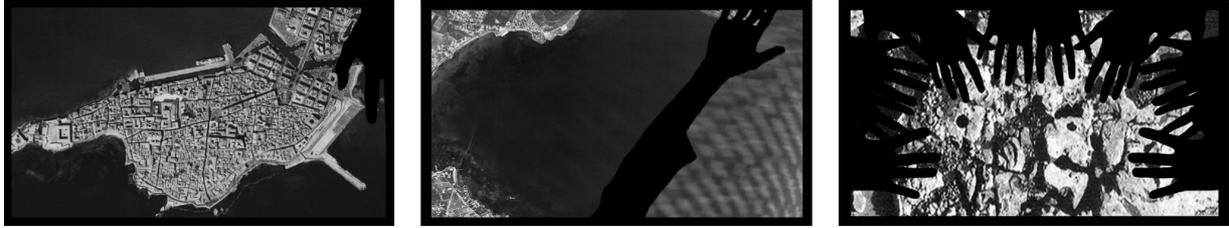


Fig. 4: Arte composta para três momentos da narrativa em *Siracusa Cidade Antiga*: Ortigia (à esquerda), lugar de fundação da polis, como relata Tucídides (centro); e vestígios evidenciados durante a escavação da *Piazza Duomo* (à direita), antigo *temenos* (τέμενος), o recinto sagrado de Siracusa, na área mais elevada de Ortigia, em que migrantes de Corinto se estabelecem, dominando o lugar após expulsarem os antigos habitantes indígenas Sículos; e ali consagraram por um rito, o fato político da fundação da polis. Imagens: Silvio Luiz Cordeiro.

Numa vinícola (fig. 5), em território de antigo feudo medieval, o relato gravado sobre como um elemento arquitetônico que apareceu durante os preparativos da terra para o plantio das vinhas, revelou-se como sinal propiciatório à retomada da produção local de *Moscato*, vinho popular e muito antigo de Siracusa.



Fig. 5: Equipe na *Domus Solaciorum*, estrutura medieval dos tempos de Frederico II (XIII e.c.), hoje sede da Vinícola Pupillo, situada no ex-feudo da Targia, próxima das muralhas de Siracusa. Da esquerda para a direita: Lilian Laky, Daniela Puccini, Patricia Pontin, Paulo Marcondes e Silvio Cordeiro. Imagem: Wagner Souza e Silva.

No sítio mais elevado de Ortigia, núcleo urbano inicial, o simbolismo do lugar consagrado pelo rito fundador da polis, quando o novo domínio se impôs a outro anterior: aparecem referências arqueológicas desde os primeiros habitantes à chegada dos gregos evidenciadas na escavação da *Piazza* em que se encontram as ruínas do Templo de Atena (V a.e.c.), depois *Duomo*, a Catedral de Siracusa (fig. 6), que ressignifica a antiga estrutura arquitetônica erigida, preservada e ainda visível no que se transformou em igreja cristã.



Fig. 6: Vista na elevação norte do *Duomo* de Siracusa, parte da colunata do antigo *Athenaion* (*Aθηναίων*), Templo de Atena (em estilo dórico, períptero hexastilo). A estrutura visível foi incorporada pela reforma em templo cristão na Idade Média. Imagem: Wagner Souza e Silva.

No vídeo, o *Duomo* é representado como um *portal imaginário*, que se abre na história dessa paisagem urbana, em uma caminhada da equipe pelas vias da antiga Siracusa no tempo presente, ao acompanhar os passos de um carteiro aposentado que revisita certos sítios de sua cidade – como o mirante sobre o mar, as ruínas do Templo de Apolo (VI a.e.c.), o mercado público – gravando o seu relato afetivo ao relembrar da própria história ali vivida por ele, até chegarmos a um *cortile* e nos mostra o lugar, com a casa em que nasceu e morou na infância. Mostra-se ainda as ruínas do Teatro Grego (V a.e.c.), um sítio arqueológico e cultural, um lugar vivo na cidade, como presenciamos na encenação de uma peça de Sófocles (fig. 7).



Fig. 7: Teatro Grego de Siracusa preparado para a encenação da peça *Traquínias* (*Τραχίνια*), de Sófocles (V a.e.c.) no XLIII Ciclo di Rappresentazioni Classiche, promovido pelo INDA - Istituto Nazionale del Dramma Antico, em maio de 2007. Imagem: Wagner Souza e Silva.

Taormina e Naxos

Depois de Siracusa, viajamos até o núcleo urbano elevado de Taormina. O lugar foi provavelmente antes habitado por indígenas Sículos (Σικελούς), até se tornar a polis Tauromenion (Ταυρομένιον) fundada no século IV a.e.c., depois Tauromenium (em latim), sob domínio romano. No alto da *cavea* do antigo Teatro Greco-Romano da cidade, avista-se o Etna (fig. 8) em atividade: signo maior daquela antiga paisagem, o *monte* foi reconhecido como referência geográfica desde os tempos daqueles primeiros navegantes que lá chegavam. Entre os helenos que migraram rumo ao Ocidente no século VIII a.e.c., um grupo que deixou a Eubéia alcançou o litoral da mítica e fértil ilha, elegeram um lugar promissor e fundaram Naxos, a primeira polis na Sicília.



Fig. 8: Teatro Greco-Romano de Taormina. Ao fundo, o vulcão Etna em atividade. Nota-se, pela vista aberta entre os remanescentes arquitetônicos em ruínas da *scaena frons*, um navio de cruzeiro, ancorado na baía da cidade turística de Giardini-Naxos, no Cabo Schisò, onde encontra-se o sítio arqueológico da antiga Naxos. Imagem: Wagner Souza e Silva.

O vídeo *Naxos: Paisagens de uma Cidade Antiga* remete a temporalidades da paisagem, no testemunho próprio das ruínas, a partir do estudo arqueológico que possibilitou imaginar a transformação urbana. A narrativa audiovisual introduz breves referências históricas para então se visualizar a mutação da paisagem. Imagina-se a dimensão de Naxos, reurbanizada por Hierão I no século V a.e.c., depois arrasada por outro tirano de Siracusa, Dionísio I, em 403 a.e.c., quando a cidade foi abandonada (fig. 9). Descendentes de seus habitantes encontravam-se em Tauromenion no século seguinte. Ao caminhar pelas vias da cidade destruída, a paisagem em ruínas surpreende o olhar, que desvela outras temporalidades do sítio, quando se redescobre nas estruturas que restaram, a presença do inefável...



Fig. 9: Sítio arqueológico de Naxos. À direita, capinagem de uma das vias da malha urbana da polis, com o Etna ao fundo. Na fotografia ao lado, vê-se à esquerda na imagem, a entrada por uma das portas abertas na muralha que

envolvia a cidade; e, à direita, os degraus de acesso ao *temenos* (τέμενος), o recinto sagrado intramuros, com as ruínas de um antigo templo. Imagem: Wagner Souza e Silva.

Os dias da equipe neste sítio arqueológico foram uma experiência sensível. Palavras e tampouco os estudos e levantamentos abrangem o sentido maior da existência vestigial das antigas estruturas construídas. Entre os remanescentes arquitetônicos arruinados, quando concluímos as gravações no fim de uma tarde ensolarada, o som do vento revelaria, muito mais que as imagens, o sentido profundo do lugar, levando-nos ao tempo anterior, quando a cidade existiu em sua plenitude, até ser arruinada pela violência do poder tirânico.

Cidade antiga em cena

Do conjunto de imagens produzidas por Souza e Silva, o fotógrafo concebeu a exposição *Cidade Antiga em Cena*, que se estruturou a partir de duas frentes: uma série de dez imagens capturadas na encenação de *Traquínias*, no Teatro Grego de Siracusa, montadas em tamanho 50cmx70cm, e um conjunto diverso de 147 imagens em tamanho 11cmx17cm, montadas na forma de um grande mosaico. Enquanto a primeira frente buscou considerar a peça encenada como uma espécie de síntese dos resultados obtidos pela empreitada documental da expedição, já que era um exemplo de convivência entre passado e presente na cidade, a segunda teve o objetivo de compartilhar a riqueza visual vivenciada pela equipe durante a viagem. A opção pelo mosaico como estratégia para a segunda frente de montagem se deu pela ideia de provocar um impacto visual baseado num certo excesso imagético, de modo a não só destacar a diversidade e complexidade de registros pertinentes às investigações realizadas pela equipe, mas também as dificuldades inerentes ao processo curatorial da fortuna imagética resultante. No mosaico, cada motivo fotografado pode estar representado por meio de uma imagem apenas, ou montado a partir de duas, quatro ou nove fotografias, o que acentua a experiência de uma certa confusão visual (fig. 10).

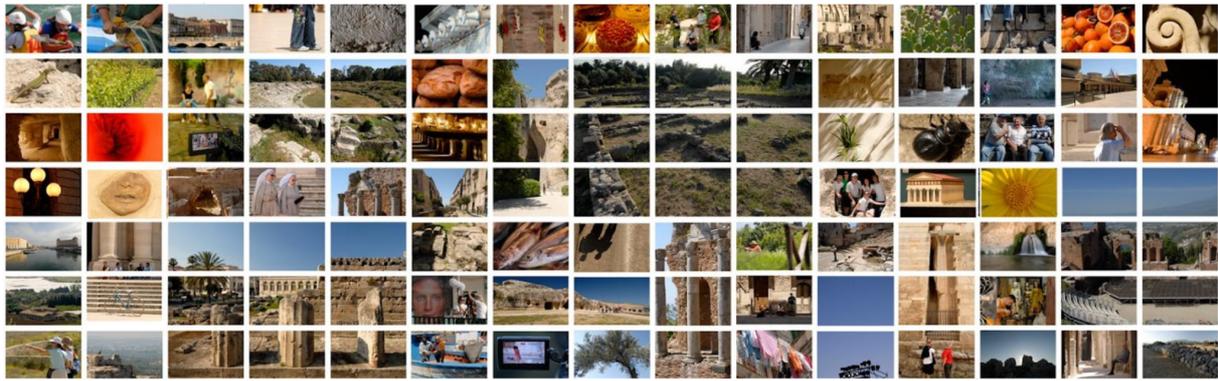


Fig. 10: Parte do mosaico montado com o conjunto de 147 imagens em tamanho 11cmx17cm, que estão separadas por lacunas de 1,5 cm. Ao todo, são sete linhas e 21 colunas, perfazendo uma montagem de tamanho final de 320 cm x 85 cm. Imagem: Wagner Souza e Silva.

Ambos os projetos expográficos não negam a fotografia como registro, mas tentam problematizá-la a partir do reconhecimento de uma certa insuficiência da técnica para dar conta de responder a todas as histórias, lugares e pessoas que se conectaram ao roteiro da expedição. A fotografia, aqui, é assumida como potente instrumento documental, mas dentro de uma perspectiva reveladora de seus limites para lidar com a infinidade de temporalidades presentes na construção de memórias.

Considerações finais

As narrativas audiovisuais e a exposição fotográfica que resultaram da expedição à Sicília expressam sentidos sobre as paisagens urbanas habitadas no tempo. Não apenas os fragmentos dos artefatos, das estruturas edificadas, de tudo aquilo que remanesce nos sítios indagados, constituem a *matéria-prima* única ao estudo arqueológico. A memória das pessoas que habitam as cidades é uma fonte essencial para compreendermos as transformações, as temporalidades de paisagens construídas por diversas sociedades e culturas que nelas atuaram no passado compreendido no presente. É significativo e também simbólico nesta iniciativa, portanto, o fato dos autores terem sido apoiados em suas *imaginações*, fomentadas por um museu, que é um lugar de memória e imaginários.

Abstract

Based on a shared interest in audiovisual and photographic production throughout their respective paths at the Museum of Archaeology and Ethnology of the University of São Paulo, both authors present the experience of an archaeological and audiovisual expedition to Sicily, Italy, focused on the urban landscapes of Syracuse, Naxos, and Taormina. They present images that trace the creative process behind two documentary films and a photographic exhibition emerging from the expedition, accompanied by reflections on the image as a narrative form—one that transcends mere documentation to ignite the imaginary within the human sciences.

Keywords: Image, Archaeology, City, Landscape, Memory, Audiovisual

Referências

CORDEIRO, S. L. A experiência do vídeo em arqueologia e o ensino de história antiga a partir do estudo da cidade. *Revista de História*, São Paulo, n. 164, p. 425–445, 2011.

DOI: [10.11606/issn.2316-9141.v0i164p425-445](https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i164p425-445) . Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19203> . Acesso em: 5 fev. 2016.

CORDEIRO, S. L. Siracusa Cidade Antiga. 2009. Documentário disponível em:

<https://vimeo.com/slucord/siracusa> . Acesso em: 5 fev. 2016.

CORDEIRO, S. L. Naxos: Paisagens de uma Cidade Antiga. 2012. Documentário disponível

em: <https://vimeo.com/slucord/naxos> . Acesso em: 5 fev. 2016.